

# HISTÓRIA TRISTE DO DIABO À SOLTA

L. 13280<sup>4</sup> V.



165929

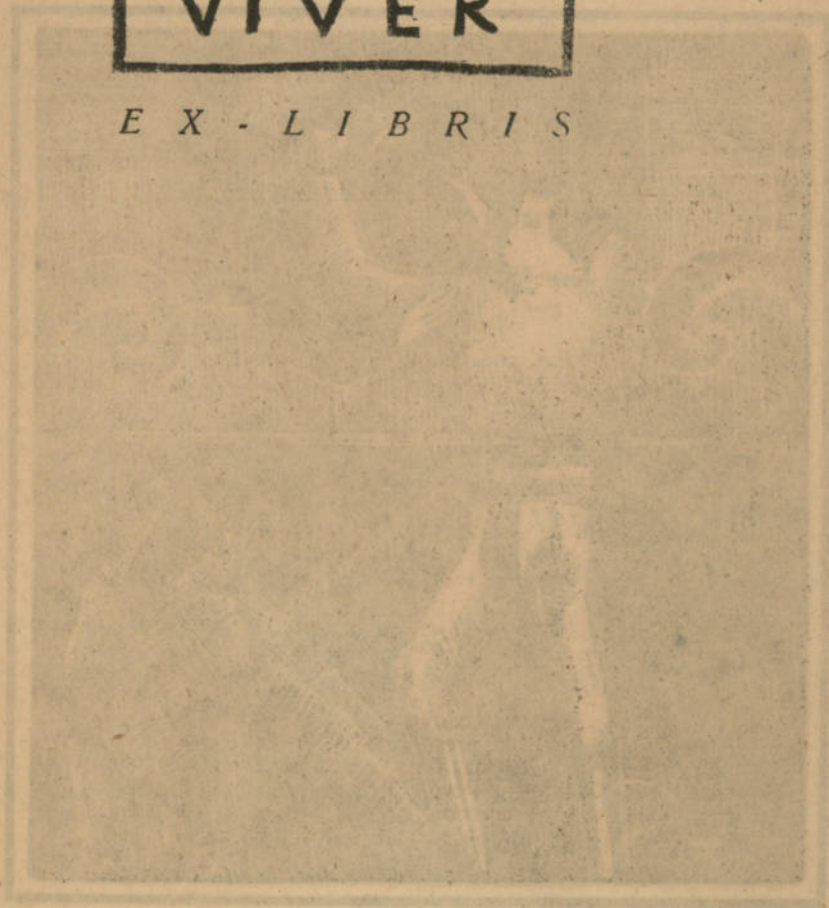


COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO QUARENTA E DOIS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. N. I. ~ 1945



*E X - L I B R I S*



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.<sup>a</sup>  
VILA NOVA DE FAMALICÃO—1945

## LIVRO QUARENTA E DOIS

### HISTÓRIA TRISTE DO DIABO À SOLTA

L. 132809 v.

Havia num bairro sossegado de Lisboa uma casa antiga e muito linda. A frente dava para um largo: uma dúzia de janelas de sacada tôdas airosas com suas cantarias e balcões de ferro forjado e, ao meio, ao tôpo de seis degraus, a portada encimada pelo seu brasão de armas em pedra. Metia muita vista. Estrangeiro que ali passasse, ficava-se a olhar para ela. Tinha em si tanta grandeza que chegava a parecer viva e estar ali contando a sua história a quem a quisesse ouvir. A história dos seus donos; muitas gerações de gente de bem tendo em maior conta a honra do que a própria vida.

As traseiras davam para uma quinta com sua horta, pomar e grande jardim com frondosas árvores, estátuas, tanques, buxos bem cortados e canteiros floridos.

O dono era um fidalgo de bom sangue e de vida limpa, chamado Joaquim de Noronha, um sábio que tinha a paixão dos livros e dava todo o seu tempo ao estudo das plantas e dos animais. Os seus trabalhos eram muito conhecidos e apreciados não só em Portugal como no estrangeiro. A êles dedicava Joaquim de Noronha a maior parte dos seus rendimentos, que eram grandes, pois, além daquela quinta, possuía muitas terras no Ribatejo, que herdara dos seus antepassados.

Ora num domingo, de tarde, estava a criadagem reunida num grande alpendre que havia por detrás da cozinha. Era na primavera do ano de 1823, mas o tempo estava tão macio e o sol tão brilhante que, se não fôsem os ramos ainda tão verdes de algumas árvores do jardim, ninguém diria que mal ia entrado o mês de Maio.

Joaquim de Noronha tinha muitíssima criadagem que ali vivia como em sua casa. Muitos ali nasciam, ali casavam, e ali morriam, sempre amparados pela amizade e protecção dos amos. Porque naquele tempo ainda havia bons amos; e como havia bons amos, havia bons criados. Os amos sabiam muito bem os seus deveres e as suas responsabilidades para com aquêles que os serviam e que êles consideravam como família. E os criados conheciam os seus deveres para com os amos e tinham presunção em os cumprir, e a família dos amos era como se fôsse a sua. Tôda a gente pensava mais nos seus deveres do que nos *direitos* inventados pela Revolução francesa e que tantas desgraças fizeram e estão fazendo por êsse mundo.

O José da Rosa, que era o criado de mesa principal, muito entendido no seu ofício e respeitado por todos, disse assim:

— Não me venham com histórias. A mim não me intrujam. Foi no ano de 1811 que a gente correu de vez com os franceses. Deixaram a nossa terra desgraçada e por onde êles passaram só ficou miséria, fome, aflicção. Queimavam, roubavam, matavam que era um espanto. Mas isso não foi o pior. Esses males têm remédio e, no correr dêstes últimos dez anos, quem nos governa tem ido a pouco e pouco concertando o que êles escangalharam. O pior é o veneno que êles por aí deixaram, semente de desgraça que vai alastrando.

— Que veneno? — perguntou a Maria Rita que era quem mandava na

cozinha, um mulherão de cabelos grisalhos com um coração de oiro e um génio levado do diabo.

— Que veneno? — repetiu o José da Rosa. — Pois que veneno há-de ser senão êste que a gente está a ver por tôda a parte? O veneno da mentira que é o pior de todos. Todos êsses peralvilhos que ninguém sabe de onde vêm nem que sangue têm nas veias, que andaram sempre de rôjo diante dos franceses e que aprenderam lá as suas doutrinas do demónio, tôdas essas cantigas de igualdade, de liberdade, de direitos...

Nisto levantou-se do seu canto o Dionísio, que era o chefe das cavaliariças e o principal cocheiro:

— Homem! Quando oiço falar em tais coisas, sobe-me raiva tamanha que nem sei o que seria capaz de fazer... Deus me perdoe! Igualdade! Como se um parvo fôsse igual a quem tem juízo, ou um covarde a um valente, ou um traidor a um homem leal, ou um entrevado ou um doente, a um homem são e desembaraçado! Ninguém pode acreditar em tais coisas. Fingem que acreditam, estão de má fé, servem-se disto lá para os seus fins. Igualdade! Os mesmos direitos para todos! Ora bolas! Direitos de quê? De fazer poucas vergonhas e mais nada!

— Pois é — disse o José da Rosa. — Querem saber mais que Deus. Por isso anda tudo como a gente está vendo. Tudo vai torto e há-de ir cada vez mais torto até que as coisas voltem ao seu lugar.

Foi então que o Miguel Maria se meteu na conversa. O Miguel Maria era o escudeiro de Francisco de Sequeira, neto de Joaquim de Noronha, filho da sua filha única.

— Há muitas coisas que eu não entendo — disse êle — e a principal é que El-Rei Dom João tenha jurado a Constituição. Segundo eu posso perceber, a Constituição é a coisa mais desgraçada que há. É uma lei que tira todo o poder a El-Rei e o dá seja a quem fôr. E tudo para quê? Para que êsses figurões que pr'aí andam e que nasceram da ralé, sejam eleitos deputados e lá uns com os outros governem como entenderem para arranjar a vidinha e encherem os bolsos...

E nisto ouviu-se uma voz fresca e alegre:

— Olá, Miguel Maria! Isso é que é falar bem! Por êsse andar estás aqui estás deputado!

E vindo do lado do jardim apareceu um rapaz que parecia um sol, tão lindo era, e alegre e forte.

— Olha o menino Francisco! — exclamou a criadagem tôda contente.

E todos se levantaram.

— Venha cá, venha cá para ao pé da gente — disse a Maria Rita.

O Francisco mandou-os sentar e sentou-se êle próprio em cima de uma mesa que estava ao meio do alpendre.

— Então, falava-se aqui de política, hein? — perguntou êle. — Cuidado não vá a maçonaria ouvir!

— A maçonaria! — exclamou o Miguel Maria — Esses vendidos, a servirem os estrangeiros! Ai, menino! A gente nasceu em má hora. Seja tudo em desconto dos nossos pecados, mas custa muito a gente ter de ouvir o que ouve e não poder responder com uma moça nas unhas!

— Deixa, Miguel Maria, que o nosso tempo virá. E, se Deus Nosso Senhor nos ajudar, não tardará muito.

Dizendo estas palavras, o Francisco deixou de rir e tornou-se carrancudo como se uma nuvem fôsse a passar sôbre o seu rosto.

— Não há aqui um homem que não vá para a rua com o menino quando fôr preciso — disse o José da Rosa.

E não houve um só que não gritasse que estava pronto. Moços de estrebria, ajudas de cozinha, todos. Até as mulheres.

— No dia em que eu fôr para a rua — declarou a Maria Rita, tôda pimpona de mãos nas ilhargas — há-de falar-se mais de mim que da Padeira de Aljubarrota! Olé!

Desataram todos a rir.

Mas o José da Rosa pôs-se depois todo sério e disse assim:

— Cá para mim essas idéias novas são como fumo que cega os outros mas não ao filho do meu pai. Graças a Deus não nasci parvo nem na minha família há sangue de traidor. Há-de haver sempre quem mande e quem obedeça. E todos nós servimos, seja quem fôr. El-Rei serve a Deus, os fidalgos servem a El-Rei e a gente serve os fidalgos. E assim é que está certo. Constituição e deputados! Pois êsses estúpidos não vêem que é tudo mentira? Os deputados são eleitos pelo povo e assim o que êles decidirem é por vontade do povo, dizem lá os da maçonaria. Deixa-me rir! O povo sabe lá nada disso. Vai para onde qualquer espertalhão o empurrar, mais nada. Há por aí espertalhões que dizem assim ao povo: — «Olha vota em mim e eu dou-te um par de calças novas, ou um barrete, ou umas moedas de prata...» Olhe que isto é assim mesmo. E vai um dêsses tafulos que andam pr'aí por conta da maçonaria e chega-se a um pobre sapateiro remendão e dá-lhe uma palmadinha nas costas e diz-lhe assim: — «Agora quem manda és tu, não é o rei». Palavra puxa palavra e daí a pouco o palonço do remendão promete-lhe o voto. Mas nem sabe o que fez. E vai para casa e diz à mulher, todo inchado: — «Agora quem manda é a gente». E a mulher que é tão parva como êle e que é lavadeira, quando vai levar a roupa a casa da fidalga que lha deu a lavar, põe-se a dizer na cozinha: — «Daqui a pouco quem vai pr'à sala receber visitas, sou eu; e quem há-de lavar a roupa é a fidalga».

Neste ponto todos desataram a rir tanto que já ninguém se entendia.

No gabinete de trabalho, que ficava por cima do alpendre, Joaquim de Noronha conversava com o seu grande amigo Manuel de Sequeira que chegara havia pouco do Brasil e com o filho dêste, Gil de Sequeira, genro de Joaquim de Noronha e pai de Francisco.

Os três homens ao ouvirem todo aquêl barulho sorriram e Gil disse:

— Isto quer dizer que Francisco está lá com êles ao cavaco. E podem ter a certeza que estão falando de política.

— Se não houvesse na nossa terra senão o bom povo português e fidalgos com o coração no seu lugar, não haveria para aí estrangeiros capazes de nos fazerem o mal que nos estão fazendo — disse Joaquim de Noronha.

— Não sei... — respondeu Gil. — Quando penso que El-Rei Dom João jurou a Constituição que lhe tira todo o seu poder real e faz dêle um fantoche nas mãos dos deputados, essa corja de ambiciosos, de vendidos à maçonaria...

— Que havia El-Rei de fazer? — respondeu Manuel de Sequeira. — Se êle não tivesse jurado a Constituição, tínhamos agora aí o país inteiro a ferro e fogo, Portugueses contra Portugueses, cada qual defendendo as suas idéias ou os seus interesses e muitos, decerto, na sua loucura, abrindo a porta aos estrangeiros que, sob pretexto de os ajudar, viriam de novo roubar-nos e desgraçar-nos. Foi decerto isto que El-Rei quis evitar porque é um homem ajuizado e pacífico.

— Pacífico demais — resmungou o Gil. — Para grandes males, grandes remédios, meu pai. Se El-Rei se tivesse recusado a fazer a vontade à maçonaria, não faltaria em Portugal gente como nós, pronta a dar até à última gota de sangue para defender a autoridade real e defender o povo contra êsses troca-

-tintas que para aí andam e que só pensam em mandar, em fazer figura, ao serviço da maçonaria estrangeira e à custa da boa fé do santo povo de Portugal.

— Sossega, Gil, sossega — tornou Manuel de Sequeira. — Não é sempre a ferro e fogo que estas coisas se resolvem. Se El-Rei Dom João se tivesse insurgido contra esta maré de insubordinação, não conseguiria nada senão muito sangue derramado. Lembra-te de que isto é uma corrente que está arrastando o mundo inteiro. Não é só Portugal. Por toda a Europa os países estão sofrendo da mesma doença que há-de levá-los à perdição. As nações são como as pessoas e como tudo que vive sobre a terra: têm o seu nascimento, o seu crescimento, o seu esplendor de saúde e de força; e depois vêm doenças, e a velhice e a morte. Algumas nações tornam a viver para fins que só Deus sabe, mas nunca tornam a ser realmente o que foram. As leis da vida são as mesmas para uma erva, para uma árvore, para um formigueiro, para um homem, para uma nação ou um grupo de nações, ou um império. Nada sobre a terra dura eternamente. Tudo se transforma. Quem passa a vida a estudar as coisas da natureza como Joaquim de Noronha e eu, sabe muito bem que estou falando verdade. Mas o orgulho dos homens cega-os. De vez em quando, no correr da história, cuidam que são deuses porque descobrem uma força de natureza ou inventam uma máquina e convencem-se de que podem alterar as leis da vida estabelecidas pelo verdadeiro Deus. E aí deitam-se a perder. A Revolução francesa foi o princípio do fim desta nossa civilização. Sem autoridade verdadeira e responsável, sem obediência, respeito e disciplina, não há sociedade humana possível. Daqui por diante tudo irá de mal a pior. A loucura do homem irá cada vez a pior. Nenhum rebanho pode viver sem pastores. As ovelhas não se podem governar sôzinhas. Nunca isso aconteceu no mundo. E, por este caminho o mal irá tão longe que toda a terra será abrasada como por um grande incêndio... e o homem terá de voltar ao seu princípio e submeter-se às leis eternas da vida.

Os três homens calaram-se. Gil encostou a cabeça às mãos e ficou-se a cismar:

Havia sete séculos que Portugal caminhava de cabeça levantada, sôzinho, sem ajudas nem protecções estrangeiras. Os seus marinheiros tinham descoberto terras e mares desconhecidos sobre toda a face da terra; os seus soldados tinham-se coberto de glória no mundo inteiro; os seus santos e os seus mártires tinham prêgado a fé de Cristo por toda a parte. O seu império era imenso; os mares eram seus; marinha alguma do mundo se podia comparar à sua. As outras nações respeitavam-no, admiravam-no e temiam-no. Depois começou a enfraquecer, a esgotar-se, como sucede a todos os grandes impérios porque nada é eterno na terra. Mas quando a Espanha, aproveitando-se da nossa fraqueza, nos invadiu e nos dominou, ainda encontramos forças para expulsar o inimigo e durante vinte e sete anos lutámos desesperadamente pela nossa independência até que a alcançámos. E isto porque tínhamos bons chefes e porque o povo, bem aconselhado, sabia obedecer aos seus superiores e respeitá-los e confiava naqueles que tinham autoridade e competência para o governar.

E agora rebentara a Revolução francesa. O que trazia ela? Idéias disparatadas e perigosas. Tão disparatadas e tão perigosas que, apenas a maçonaria começou a espalhá-las pelo mundo, a miséria e a desgraça do povo aumentou e alastrou como uma peste. Só guerras, lutas, revoluções, fomes, desordem...

Enquanto estas idéias iam passando pela cabeça do Gil, os dois homens mais velhos continuavam a sua conversa.

— Mau é quando o povo começa a julgar os seus maiores em lugar de se sujeitar à autoridade competente e de ter confiança nos que sabem mais do que ele — disse o Manuel de Sequeira. — Quando a família real abalou para o

Brasil, não faltou aí quem resmungasse e até quem se atrevesse a acusar o Príncipe Regente de fraco e de cobarde. Pois se ele tivesse ficado, estava a esta hora Portugal nas unhas dos franceses, e o Brasil também. Sabemos bem agora como tudo isso estava combinado e como os franceses ficaram fulos quando souberam que a família real ia no mar alto. Fraco e cobarde! Pois haviam vocês de ver o que ele fez no Brasil. Durante doze anos que lá esteve, transformou aquela terra. Desenvolveu as indústrias, o comércio, a agricultura. O Brasil, de simples colônia que era, passou a ter uma bela e rica vida própria, prosperou, ganhou confiança em si mesmo e força que não tinha antes. Os estrangeiros que andavam rondando, com tudo muito bem combinado para lhe deitarem a unha, quando viram como ele crescia em força e como estava bem governado, desistiram. Desgraçadamente, se desistiram de lhe chamar seu pela força das armas, empregaram outros meios. Espalharam por lá a semente maldita da maçonaria.

Manuel de Sequeira calou-se algum tempo e depois disse:

— Era preciso estar lá e ver e ouvir de perto, como eu, o que se passava, para sentir o que qualquer homem de bem deve sentir ao encarar tais desvairamentos sem lhe poder dar remédio. Talvez o Gil tenha razão. Talvez El-Rei Dom João seja fraco. Mas como havia naquela altura de ser forte? Com quem podia ele contar? Tudo estava minado pela maçonaria, por gente sem escrúpulos que só queria chegar a brasa à sua sardinha. Pouco passou de um ano depois de El-Rei Dom João VI vir para Portugal, quis o Brasil tornar-se independente.

O Gil levantou-se de repente e deu um murro em cima da mesa:

— Isto não fica assim, meu pai! Louvado seja Deus ainda há bom sangue real em Portugal e boa gente para o defender. O Infante Dom Miguel é um homem e tem boa cabeça para agüentar uma coroa real. Por Deus! que àquêle, nunca a maçonaria poderá pôr a canga.

E sem mais uma palavra, saiu pela porta fora.

— Se não fôsse o Gil e outros como ele que ainda há em Portugal — disse Joaquim de Noronha — pouca ou nenhuma esperança me restaria. E, graças a Deus, o Francisco é exactamente o pai. O Senhor Dom Miguel pode contar com eles como contigo e comigo.

Manuel de Sequeira estendeu a mão direita ao amigo que lha apertou na sua sem uma palavra. Entre os dois aquilo valia um juramento. Assim ficaram um bocadinho calados; e depois Manuel de Sequeira disse:

— Só há dois dias cheguei do Brasil e lá as notícias de Portugal eram embrulhadas e confusas. Peço-te que me contes exactamente o que se passou.

— O que se passou foi isto — respondeu Joaquim de Noronha. — Quando a Rainha Dona Maria I morreu, acabou o seu martírio lá no Brasil no ano de 1816, logo se proclamou rei o Príncipe regente com o nome de Dom João VI. No ano seguinte rebentou aqui uma revolução chamada Liberal com o fim de fazer vingar as idéias francesas. Mas essa ainda nós pudemos abafar. Não serviu de nada o nosso esforço porque a maçonaria continuava a trabalhar na sombra. O trabalho surdo e poderoso dos maçons franceses e ingleses em Espanha e Portugal ia dando os seus frutos. Tudo eram sociedades secretas, tudo era arrebANHAR gente em segrêdo, com muitas promessas e protestos de amizade, tudo era para bem de Portugal que precisava de ser guardado e protegido por amigos fortes e fiéis. E os portugueses, uns eram levados por boa fé, crendo realmente que ali estava a salvação do país, outros por esperteza para servirem os seus interesses e apanharem bons lugares e bons prémios. E assim lá iam obedecendo aos estrangeiros, conspirando contra o seu Rei e renegando o seu Deus. Uma grande desgraça, Manuel; e o veneno é tão forte que às vezes nem sei se o país poderá jamais ganhar saúde...

Por fim, em 1820, lá conseguiram os seus fins. Lá fizeram a revolução que ficou sendo chamada a revolução de 1820. Fizemos o que pudemos. O Gil e o Francisco foram ambos feridos, depois de darem muita pancada; eu voltei para casa com um braço quebrado... Mas desta vez eles lá levaram a sua avante. Estabeleceram a tal falada Constituição e conseguiram que El-Rei a jurasse... Mas não a Rainha. Fazes lá idéia o que por aí andava de loucura! Antes da revolução apareceram pr'aí jornais em português mas publicados em Londres, que tôda essa gente lia com entusiasmo: que a Constituição é que era a grande coisa; que apenas se estabelecesse a Constituição tudo mudaria, haveria logo de comer à farta para todos, e todos seriam iguais e teriam igualdade de direitos e grandes liberdades; e abaixo a religião... Pois desde que estabeleceram a tal Constituição, tudo é confusão e desordem nesta terra. E não vejo que haja menos pobreza e miséria nem menos desgraçados. Pelo contrário. Nem pode deixar de ser. El-Rei não manda nada. Quem manda é a Nação. O que é a Nação? São os deputados nas côrtes. São eles que fazem as leis. Vai lá ver. Tudo são discursos, palavriado, gritarias. Mas quem são os deputados? São os homens escolhidos pela maçonaria e a sôldo do estrangeiro. Uns servem-se daquilo lá para os seus fins, para o seu interesse; outros estão de boa fé e são uns parvalhotes que andam todos inchados cuidando que são heróis e que salvaram a Pátria. Pobre Pátria! Onde iremos parar, Manuel?

— Pois é — suspirou Manuel de Sequeira — intrujices, mentiras, parvalheira, ignocência, presunção... estes são os pilares sôbre os quais assenta o Governo desta infeliz Pátria...

Enquanto os dois amigos assim conversavam tristemente, ia o sol descendo no poente até que se afundou no mar e principiou a noite.

Numa quinta lá para os lados de Benfica morava naquele tempo uma família fidalga de nome Abreu. O chefe da casa andara nas guerras de Napoleão e por lá morrerá. Tinha grande entusiasmo pelo Imperador dos franceses. Cuidava que aquêlê homem havia de salvar o mundo. As idéias da Revolução francesa tinham-lhe subido à cabeça. Este homem tinha uma filha e um filho. Havia entre os dois irmãos uma grande diferença de idade. António, que nascera de um primeiro casamento, ia nos trinta e cinco anos. Ana, filha do segundo casamento, tinha só vinte anos. Viviam ambos com a mãe de Ana, naquela bonita quinta lá em Benfica.

A mãe de Ana, Dona Maria Domingas, era uma santa criatura. Desde a morte do marido vivia muito retirada, saindo da quinta só para ir à igreja e entretendo-se muito com o seu jardim. Não se metia em política; ia à Côrte de tempos a tempos visitar a Rainha e vinha de lá sempre escandalizada porque a Rainha Dona Carlota Joaquina era espanhola, muito viva e alegre, muito inteligente e senhora da sua vontade e gostando de se divertir.

António, tinha sido dos amigalhões do General Junot durante aquêlê tempo que êste francês estivera a fazer de rei em Lisboa. E depois ficara sempre com as idéias francesas encasquetadas na cabeça, todo ateu e liberalão.

Entre a mãe e o irmão, a pobre Ana levava uma vida amargurada. Os seus vinte anos muito cheios de saúde e a sua inteligência muito viva e clara, acomodavam-se mal entre os muros da quinta ou ajudando a mãe a fazer as honras da casa aos amigos do irmão, todos liberais e maçons como êle. Sua mãe ainda era aparentada com Dona Maria do Céu, mulher de Gil, e Ana e Francisco conheciam-se desde pequenos. Mas uma noite, havia um ano, durante um baile, tinham dançado juntos e conversado e daí nascera um amor que fôra sempre em crescimento. Era um amor infeliz porque nem o Gil todo fiel às idéias antigas, nem o António todo liberal e mação ainda por cima, podiam aprovar tal casamento. Mas Ana e Francisco queriam-se tanto



e andavam tão perdidinhos de amor um pelo outro que nem pensavam nas barreiras que os separavam e só cuidavam de inventar maneiras de estarem juntos.

Naquela noite o Francisco montou a cavalo e abalou para Benfica. A quinta era cercada por um muro alto, mas em certo ponto dêsse muro havia uma janela gradeada que dava para a estrada. Era ali que muitas vezes os namorados se encontravam. Ana, esperava que a mãe adormecesse, levantava-se muito devagarinho e saltava pela janela do quarto para o jardim. A ama dela que ficara sempre na casa e que lhe queria muito, esperava-a no jardim e acompanhava-a até à janela do muro, porque naquele tempo uma menina fidalga não podia ir sôzinha ver o namorado. Era coisa que nem ela pensaria em fazer, nem pareceria bem ao próprio namorado e muito menos àquêles que não eram liberais nem maçons.

O Francisco parou o cavalo debaixo da janela e erguendo-se de pé nos estribos, agarrou nas mãos da Ana e cobriu-as de beijos.

— Meu querido amor — disse ela — tardaste tanto!

E nisto o relógio da tôrre da igreja em Benfica começou a dar as badaladas da meia-noite.

Francisco disse:

— Pois não era à meia-noite que tínhamos combinado? Bem vês, só agora é meia-noite.

Ana suspirou:

— O tempo em que te espero corre tão devagar que cada minuto me parece uma hora.

— Mas nem um minuto esperaste porque cheguei antes da meia-noite.

— Não esperei! Pois não sabes que passo a vida a esperar-te. Para mim só contam os instantes que estou contigo.

O cavalo do Francisco era muito bem ensinado por êle. Ao ouvir tão doces palavras, o Francisco pôs-se de pé em cima do selim e os dois namorados beijaram-se apaixonadamente através das grades.

— Isto vai de mal a pior — disse por fim Francisco. — Eu não posso viver mais tempo sem ti. Quero roubar-te ao teu irmão e abalar contigo...

— Doido! Pois não vês que isso não pode ser?

— Não há milagre que o meu amor não seja capaz de fazer.

— E a minha mãe, que seria dela sem mim? Não tem mais ninguém... O António não a entende e anda sempre lá com os amigos, em reuniões políticas...

— Deixa que eu amanhã lhe darei uma reunião política... — resmungou Francisco.

— Que estás tu a dizer?

— Nada, nada... Do que podes estar certa é de que um dia dêstes agarro em ti e levo-te na garupa dêste cavalo.

— Para onde?

— Para a igreja primeiro; depois para a minha casa.

— Oh! Francisco! E o que dirão os teus quando souberem que foste buscar a tua noiva a uma família de liberais e de maçons?

— Minha adorada, estou tão perdido de amor por ti que nada mais no mundo tem importância para mim.

— Nunca houve outro amor tão grande como o nosso, Francisco.

De novo se beijaram e durante uns instantes houve um grande silêncio. E nesse silêncio ouviu-se ao longe um tropear de cavalos.

— Valha-me Deus! — disse a Ana — Deve ser o meu irmão que volta esta noite mais cedo. Vai-te embora, meu amor, depressa, depressa...

— Depressa porquê? Cuidas que tenho medo d'êlo ou dos laçaios que lhe guardam as costas?

— Mas pensa em mim... Se êle soubesse que eu venho aqui falar contigo, fechava-me para sempre num convento.

— De que servia? Eu arrasava os muros do convento e trazia-te de lá para fora, agarradinha ao meu coração.

— Doido, doido!...

— Mais um beijo...

— Vai-te embora, vai-te embora...

— Só mais um...

O tropear dos cavalos aproximava-se. Francisco escarranchou-se no seu, pegou nas rédeas e disse:

— Nem amanhã nem depois...

— Porquê? — perguntou Ana.

— Saberás porquê sem eu to dizer. Vai começar melhor vida para nós, Ana.

E afastou-se a passo, como viajante que vem de longe e segue com sossêgo uma jornada. Assim se cruzou na estrada com António Abreu e seus laçaios que o não conheceram porque ia bem embaçado na capa.

El-Rei Dom João VI, se tinha feito bastantes coisas acertadas, tinha também muitas vezes mostrado fraqueza. Teria sem dúvida sido um rei excelente se Deus lhe tivesse dado a sorte de reinar num período de paz em que o seu bom coração e o seu juízo se pudessem exercer sem lutas. Era sensato, prudente e cheio de boa vontade. Mas não tinha a energia nem a rapidez de pensar que são precisas a um bom chefe defronte de acontecimentos imprevisíveis e violentos.

O povo português não estava contente com a Constituição, nem com os *pedreiros-livres* como eram chamados os da maçonaria, nem com tôda aquela comédia dos deputados e das côrtes. O povo pode ignorar muitas coisas da política que os governantes escondem; mas adivinha muitas vezes. Não sabe, mas sente.

Havia sete séculos que o povo português nascera à sombra da cruz e sob a forte e segura protecção de um rei-herói que com mão de ferro traçara as fronteiras da pátria. E de então para cá tinha vindo caminhando sempre à sombra da cruz e guiado por grandes reis. Se os representantes da igreja fraquejavam, se o rei não sabia guiar bem o seu povo, eram precisos outros representantes da igreja, era preciso que o rei governasse melhor ou fôsse substituído por outro. Tinham-se já visto coisas assim. O que o povo português não entendia nem queria era que se remediasses êstes males com uma forma diferente de governo onde estrangeiros tinham poder, onde se negava a cruz, onde o rei não mandava. O povo português tinha as suas raízes na cruz e no poder real. Bem sabia que se lhas cortassem, morria.

Contra a vontade do povo, jurara El-Rei a Constituição. O povo não queria a Constituição. Não queria estrangeirices. Não queria a maçonaria. Não queria obedecer a gente da sua igualha. Desconfiava de tanta mentira. Queria um rei verdadeiro que soubesse mandar. Cada vez que no correr da história, um rei falhara, o povo pegara num outro rei do mesmo sangue e sentara-o no trono. Dom João VI falhava; seu filho mais velho, Dom Pedro, falhara também fazendo-se brasileiro, abandonando o seu povo de Portugal, aceitando como o pai a canga da maçonaria, do estrangeiro. Era preciso outro

rei. Era assim que o povo português pensava. Porque o povo pensa sempre simplesmente.

Ora El-Rei Dom João VI tinha outro filho: o Infante Dom Miguel. Dom Miguel! Esse sim, esse era o querido do povo, era um príncipe que lhe enchia as medidas. Um homem a valer. Homem de palavra e temente a Deus. Homem na fôrça e na coragem. Levantava do chão, só com os dentes, um saco de trigo de seis alqueires; e em esperas de toiros e toiradas nunca ninguém o vira fugir. E depois era lindo. Alto, delgado, rijo como aço, porte real, cabeça de quem sabe mandar e coração resoluto mas pronto sempre a acudir. Dom Miguel, sim. Esse era o eleito do povo e não os tais deputados de de pacotilha a sôldo de estrangeiros.

Tal era o pensar do bom povo português enquanto a maçonaria andava pr'aí a intrujar apregoando a torto e a direito que a Constituição vinha servir a vontade do povo! A política é assim.

A Rainha Dona Carlota Joaquina, mulher de El-Rei Dom João, era tão diferente do marido como o dia da noite. Andava sempre a ferver e nada parava com ela. Morava ela nesse tempo no Palácio do Ramalhão, em S. Pedro de Sintra. E ali dentro ia um fervilhar de intrigas, de festas, de conspirações. O seu filho querido era o Infante Dom Miguel e tinha resolvido que havia de o fazer rei. O Infante ia muitas vezes ao Ramalhão e tôda aquela gente o recebia de braços abertos e morria por êle.

O Gil e o Francisco eram de alma e coração do partido da Rainha e do Infante. Volta e meia lá estavam no palácio do Ramalhão. Não havia festa lá onde elles não apparecessem e andavam metidos em todos os segredos e conspirações contra os liberais e contra a maçonaria.

Naquella mesma noite em que Francisco fôra a Benfica ver a sua namorada, ao chegar a casa soube que o regimento de infantaria 23 que se dirigia para a Beira, logo ao sair de Lisboa se tinha revoltado e se encontrava em Vila-Franca. O Gil já tinha ido ter com o Infante; e Francisco não quis saber de mais nada, meteu esporas ao cavallo e abalou atrás do pai. Ainda o apanhou no caminho. Quando iam a chegar ao paço encontraram Dom Miguel que de lá saía acompanhado por alguns amigos e por uns trinta soldados de cavalaria.

— Vieram a tempo — disse o Infante.

E abalaram todos para Vila-Franca. Quando lá chegaram, as tropas revoltadas e o povo todo da vila e arredores cercou o Infante em grande alvoroço dando vivas ao *Rei absoluto*. O povo gritando *Viva o rei absoluto* exprimia a sua vontade de ter um rei que mandasse e não um fingimento de rei na mão dos deputados como queria a maçonaria e o estrangeiro. O povo bem adivinhava no fundo do seu coração que a tal Constituição, fingindo dar-lhe grandes benefícios, era a canga do estrangeiro que lhe punham no pesçoço.

No dia seguinte, chegaram de Lisboa muitas tropas e a multidão de povo cresceu e cresceu, e vieram muitos fidalgos e pessoas importantes. Tudo se juntava em volta de Dom Miguel. Era aquêle rei que o povo queria.

Dom João VI, cada vez mais atarantado no meio de tudo isto, ora dizia que ia castigar o filho, ora declarava que seria rei absoluto se o povo assim o queria. Mas o povo o que queria era pôr no trono o seu adorado Dom Miguel. Este estabelecera em Santarém o seu quartel general. As suas fôrças aumentavam de dia para dia. A maçonaria e os liberais andavam assarapantados. O Marquês de Palmela, que era todo cosido com os ingleses, não fazia senão consultar os governos estrangeiros. Como se Portugal se não tivesse governado sôzinho — e de que maneira gloriosa! — durante sete séculos!

Por fim El-Rei mandou chamar o Infante que se encontrou com êle em Vila-Franca; e aí El-Rei o nomeou generalíssimo e comandante em chefe do exército. Ali mesmo se organizou um novo govêrno e se acabou com a pri-

meira investida do constitucionalismo. Ficou-se chamando a esta revolta, em favor de Dom Miguel, a *Vilafrancada*.

Mas a Rainha Dona Carlota Joaquina não se deu por satisfeita. Bem sabia ela como El-Rei seu marido era fraco e que, influenciado pelos liberais era muito bem capaz de se deixar levar por eles a desmanchar aquela vitória de Dom Miguel. A idéia da Rainha era provávelmente depor Dom João VI e colocar no trono seu filho Dom Miguel. E se o tivesse conseguido muitas desgraças se teriam talvez evitado.

Continuavam as conspirações. Em Fevereiro do ano seguinte o Duque de Loulé appareceu assassinado em Salvaterra onde se encontrava a Côrte. Andava tôda a gente aterrada em volta de Dom João VI. Dom Miguel ia ganhando fôrça e em tudo que fazia mostrava bem que nunca a maçonaria e o estrangeiro fariam dêle o que tinham feito de seu irmão Dom Pedro.

No dia 30 de Abril de 1824, de manhãzinha, o paço da Bemposta onde se encontrava El-Rei Dom João, foi cercado por grande número de tropas com ordem de não deixarem entrar nem sair ninguém. Então os embaixadores e ministros estrangeiros reüniram-se e foram juntos ao paço dizendo que queriam ver o Rei. Os officiaes que comandavam as tropas disseram que tinham ordem do Infante para não deixar entrar ninguém. Mas os estrangeiros responderam que o Infante não era mais que um vassallo de El-Rei; tanto fizeram que conseguiram entrar.

Num instante tudo desandou. Os estrangeiros começaram a dizer que se o Infante se não submetesse a El-Rei (o que eles queriam era ver-se livre de Dom Miguel de quem tinham mêdo porque sabiam que o povo estava com êle) eles se veriam obrigados a retirar os seus compatriotas de Portugal. Ora isto queria dizer que viriam fazer guerra a Portugal. Isto é o que os liberais chamavam liberdade e direitos do povo!!

No dia 9 de Maio embarcaram El-Rei numa nau inglesa que appareceu no Tejo. Metido no barco inglês, lá o fizeram dar ordem de soltar todos os presos que se encontravam encarcerados desde 30 de Abril e que eram, já se vê, liberais e maçons. E do mesmo modo obrigaram El-Rei, lá de bordo da nau inglesa, a retirar a seu filho Dom Miguel o comando em chefe do exercito.

Assim humilhado e vencido pela fôrça da maçonaria e do estrangeiro, o Infante pediu licença ao pai para ir viajar. Era o exílio. Ele bem sabia que era preciso esperar melhor occasião.

O movimento de 30 de Abril ficou-se chamando a *Abrilada*.

Durante êste tempo que decorreu entre a *Vilafrancada* e a *Abrilada*, o Francisco não largou o Infante Dom Miguel. Precisava êste príncipe de todos os seus amigos, e todos eles só pensavam em o erguer ao trono e livrar assim a pátria da vergonha em que tinha caído.

Por intermédio do seu fiel escudeiro e da ama de Ana, conseguia Francisco corresponder-se com a namorada. Em tôdas as cartas lhe dizia que tivesse ânimo e esperança, e que o dia da suprema felicidade de ambos se aproximava.

No dia 30 de Abril, quando o Paço foi cercado, Dom Miguel mandou

prender muitos liberais e maçons que conspiravam contra êle. Entre êsses, António de Abreu, irmão de Ana, foi encarcerado. Nos dias seguintes Francisco teve tanto que fazer às ordens de Dom Miguel, que não pôde ausentar-se. Mas aproveitou a primeira ocasião e, tendo tratado de tudo, escreveu à Ana dizendo-lhe que o esperasse na madrugada do dia 11 daquele mês de Maio à porta da quinta com a ama, pois iria buscá-las numa sege para se casarem.

Assim foi. Mas aconteceu que o nome de António de Abreu foi dos primeiros da lista dos presos que El-Rei, de bordo do navio inglês, mandou soltar. E Francisco, tão ocupado com os seus preparativos, nem sequer sabia dessa ordem. Quando ao romper do dia se meteu na sege para ir buscar a sua adorada noiva, não havia no mundo homem mais feliz e despreocupado do que êle.

Na boléia da sege iam o cocheiro e o escudeiro. Francisco apeou-se à porta da quinta. O dia ia a nascer mas ainda havia pouca claridade. O portão estava só encostado. Francisco entrou todo confiante. Olhou para uma banda e para a outra; não viu ninguém. Pensou de si para si:

— Ainda é cedo...

Mas de repente ficou a cismar: se nem a Ana nem a ama estavam ali, como se encontrava o portão aberto àquela hora? Mas Francisco estava tão contente da sua vida que nenhuma desconfiança lhe passou pela cabeça.

— Ora — disse êle de si para si — foi descuido de algum criado, ontem à noite.

E foi andando devagarinho pela alameda acima, com o coração aos pulos, sempre à escuta esperando ouvir os passos da noiva.

Ja já bastante longe do portão quando, como um raio, lhe caiu na cabeça tal pancada que logo se foi a terra que nem um corpo morto. E não viu nem sentiu mais nada.

Três homens debruçaram-se sobre êle.

— Deve estar morto — disse António de Abreu aos dois lacaios. — Levem-no para defronte da outra porta da quinta, a que dá para a azinhaga. Depois vão dizer ao cocheiro e ao escudeiro que o seu amo mais a noiva estão à espera da sege na outra portada.

Os lacaios assim fizeram. Mas quando chegaram à primeira portada e a fecharam e a aferrolharam muito bem antes de darem o recado ao cocheiro, Miguel Maria, o escudeiro de Francisco, desconfiou. O sol vinha quasi a romper e êle fixou bem as caras dos lacaios.

— Se isto é partida — resmungou êle — não queria eu estar na pele dos que a fazem.

Os outros, bem seguros do lado de dentro do portão aferrolhado, afastaram-se sem resposta. O cocheiro disse:

— Aqui anda coisa...

O corpo do Francisco estava estendido no meio da azinhaga.

— Bem me adivinhava o coração! — dizia Miguel Maria. — Ai, meu rico amo!

— Ainda lhe bate o coração — disse o cocheiro.

Pegaram-lhe com muito jeito, meteram-no na sege, levaram-no devagarinho...

Fechada no seu quarto, sem nenhuma companhia, como numa prisão, Ana



vira através das persianas os dois lacaios passarem lá em baixo no caminho da horta, levando o corpo inerte do Francisco.

— Ai, que mataram o meu amor! — murmurou ela.

Caíu sem sentidos; e ali ficou, sòzinha...

Assim se passavam as coisas quando o diabo da maçonaria começou a andar à solta na terra santa de Portugal.

**A SEGUIR:**

**HISTÓRIA DO REI DOM MIGUEL I**

*Virginia de Castro e Almeida escreveu,  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. N. I. deu à estampa.*

**S. N. I.**